

APRESENTAÇÃO

Clara Castro e Pedro Galé

*Não adianta policiar os átomos, as ondas ou as plantas
(a hortelã açula em nós os cheiros de uma revolução)
Rodrigo Lobo Damasceno, Pra ouvir no rádio¹*

A ideia de que o período moderno foi fundado por Descartes fora das incertezas dos corpos materiais, das ciências empíricas ou da antiguidade tornou-se um lugar-comum dos manuais de História da Filosofia. Paralelamente às narrativas mais canônicas, desenvolveu-se um trabalho historiográfico capaz de revelar uma variedade de filosofias modernas interessadas nas experiências dos corpos, bem como nas ciências e nas artes que, a partir deles, se produzem. Centrar a reflexão filosófica no corpo significa, de um lado, abrir mão do dualismo e, de outro, lidar com a filosofia experimental e suas dificuldades, como a limitação dos cinco sentidos humanos. Significa também trazer para a filosofia um prazer imanente à carne, mas que só se explica ou se intensifica mediante as extrapolações da imaginação.

Isso não é, evidentemente, nenhuma inovação da Modernidade. No século I a.C., Lucrécio já conversava com seu amigo Mêmio sobre “os corpos não vistos do vento”, “que em feitio e maneira parecem emular até mesmo / grandes rios, estes que têm manifestos os corpos”². Mediante seu longo poema filosófico e epistolar, o epicurista latino pretendia ensinar, deleitosamente, os princípios fundamentais de seu mestre grego: nada vem do nada, nada volta ao nada, tudo é corpo ou vazio. Os corpos podem ser primevos, eternos

1 In: _____. *Casa do Norte*. São Paulo: Corsário-Satã, 2020, p.122.

2 Lucrécio. *Sobre a natureza das coisas*. Trad. de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, l. I, v. 295-297.

e invisíveis como o vento, mas também podem, ao se combinarem, manifestarem-se e destruírem-se, tal qual os grandes rios que secam. Os manuscritos de *Sobre a natureza das coisas*, por muito tempo perdidos, foram redescobertos no século XV e tornaram-se uma referência crucial para o mundo moderno. Muitas filosofias da modernidade se interessaram, portanto, por reflexões da Antiguidade e pela reelaboração destas pelo Renascimento. O atomismo é um caso exemplar desse interesse, pois não foram poucos aqueles que, ao se besuntarem no mel dos versos de Lucrécio, acabaram por disseminar, de alguma forma, esse néctar em suas próprias obras.

No século XVII, a difusão do epicurismo ocorreu, em grande medida, graças a Pierre Gassendi, um dos objetores mais persistente de Descartes³. O átomo gassendista não é mais, contudo, aquele de Demócrito, tampouco aquele reformulado por Epicuro e seu discípulo. Há, nele, um dinamismo cuja fonte remonta à física estoica⁴. Logo, essa mesma física estoica, que ajuda os naturalistas italianos a desenvolver noções animistas ou pampsiquistas⁵, conduz Gassendi à noção de matéria ativa⁶. Seu atomismo não reitera um mecanicismo que poderíamos aproximar de Descartes, mas extrapola a física mecânica, trazendo elementos da química e das ciências da vida⁷.

Esse movimento se exagera na segunda metade do século XVIII: a crítica ao dualismo cartesiano se consolida num quadro conceitual preciso; o fascínio pela arte de Lucrécio se dissemina; a filosofia se aproxima das ciências naturais (fisiologia, anatomia, química, botânica etc.) e repensa, a partir delas, a própria ideia de experiência. O sentido negativo reservado pelos racionalistas à sensação é revertido em uma positividade, elemento primordial a partir do qual todo conhecimento se estrutura. Outrora substância extensa, submetida à alma pensante, o corpo se torna um efeito, um produto de processos que o configuram, desfazem-no e o recompõem no fio da experiência. A filosofia e o prazer, seja estético, seja erótico, unem-se para mostrar que também se faz metafísica do corpo, no corpo e para o corpo.

3 Sobre a oposição de Gassendi a Descartes, cf. Torero-Ibad, A. *Débats politiques et philosophiques au XVIIe siècle*. Québec: PUL, 2009, p. 30 et seq.

4 Cf. Bloch, O. *La philosophie de Gassendi: nominalisme, matérialisme et métaphysique*. La Haye: M. Nijhoff, 1971, p. 211.

5 Cf. *ibidem*, p. 228-229.

6 Cf. *ibidem*, p. 229-230.

7 Cf. *ibidem*, p. 232.

É, portanto, do corpo e do afastamento da metafísica como ciência primeira que parte, geralmente, a reflexão filosófica do século das Luzes. Como que a contraluz, exaltou-se a sensibilidade, ou as “faculdades inferiores do espírito”, descritas segundo a tradição infundida por Leibniz como aquelas ligadas à sensibilidade, em distinção às “superiores”, ligadas ao intelecto. Com uma tal guinada, foram possíveis novas disciplinas filosóficas, novos olhares para a natureza e, certamente, um novo olhar em relação a tudo que é da esfera do humano. O abandono do referencial racionalista, como reduto exclusivo de atenção e estudo, permitiu que as fronteiras da filosofia e da reflexão se expandissem, e que seus domínios se desdobrassem em direção às artes e à natureza vivente. Ainda que o gesto filosófico mantivesse seus métodos e seus rigores, a própria circunscrição de seus objetos tornou-se um campo especulativo sem território definido de antemão, estendendo-se a todas as esferas da vivência humana. Pensar essa guinada é dar valor aos conhecimentos que, longe de apanágios tais como clareza e distinção, se apresentam sob uma miríade de impressões ao intelecto e à sensibilidade.

A inflexão que permeia os textos aqui coligidos centra fogo naquilo que se coloca diante dos olhos de modo nem sempre claro, porém sempre em busca de um tipo de operação que a legitime. Tal expansão não se deu sem que grandes novos continentes se fizessem abrir. Dada a nova visão do humano, do divino e do mundo, novas condições se estabelecem e novos objetos ganham estatuto de dignidade. O reino dos sentidos ou do corpo emerge como uma camada a mais a buscar e averiguar o que se pode experimentar, viver e indagar. Ele supera a tendência, em geral mecanicista, de racionalização plena, que busca quantificar e medir mesmo aquilo que não se presta a tais artifícios. A contrapartida desse novo modo de se conceber a ciência e seus métodos é fruto de toda uma nova maneira de se pensar o homem, o mundo e seus objetos. A maior atenção ao orgânico, e aos fenômenos qualitativos pouco ou nada quantificáveis, traz à luz uma natureza que extrapola a hierarquia dos seres e os esforços humanos de definição.

Aquele que se gabava “de ser eterno”, que se dizia “o rei do universo”, se vê reduzido à sua própria efemeridade, a “uma porção infinitamente pequena de um globo, que não passa ele próprio de um ponto imperceptível na imensidão”⁸. Munido, por certo, das leis da física mecânica, mas perdido e tateante numa natureza em perpétua transmutação. Para ilustrar tal inflexão, são mais que oportunos alguns versos do episódio “Noite” do *Fausto* de Goethe.

8 Holbach, P. H. T., Barão de. *Sistema da natureza: ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Tradução de Regina Schöpkne e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 121.

Em seu gabinete de estudos, a personagem que dá nome à tragédia constata: “Vós instrumentos, vós troçais de mim; / Rodas dentadas, cilindros, alavanca, / Sois a chave do portão que não abri: / É sábio o mecanismo, mas não levanta a tranca. / No seu mistério, não se desvela / A natureza à luz do dia; / E o que ao teu Espírito não se revela / Não lho arrancas com Maquinaria”⁹.

Abandonado o sentido puramente mecanicista do corpo máquina, o estatuto da natureza se apresenta como objeto privilegiado de uma epistemologia que se vê suplantada diante da possibilidade de seus próprios objetos e das formas de experimentá-lo. Trata-se de entender que a legitimidade epistemológica foi concedida a domínios que em outros momentos não a possuíam. Notamos isso claramente quando a sensibilidade deixa de ser o lugar do erro e passa a ser um lugar fundamental, ainda que confuso, da própria especulação científica, que busca agora novas formas de validação. Não é à toa que as esferas da arte e da natureza passam a ser observadas não com referência ao cálculo e à medida, mas em sua complexidade, a ponto de se configurarem como objetos privilegiados de muitos trabalhos teóricos. A partir dessa reavaliação de métodos, objetos e meios é que se viu sulcar novas searas às ciências, bem como novos dilemas ao intelecto, confrontado diretamente com a esfera do sensível. Estaríamos diante de um tipo de pensar e, por que não, de uma nova sensibilidade, que não visa mais sua legitimação estritamente sob os auspícios da razão.

O presente dossiê reúne, em sua maior parte, os trabalhos apresentados no Colóquio *Para além do dualismo: configurações do corpo na Modernidade*, que ocorreu no Departamento de Filosofia da PUC-Rio, entre os dias 7 e 8 de novembro de 2024. O colóquio foi organizado pelos autores desta apresentação, em conjunto com a profa. Carlota Salgadinho (PUC-Rio), o prof. Pedro Paulo Pimenta (USP) e com a ajuda da doutoranda Lori Mattoso (UERJ). O objetivo do evento foi apresentar e fomentar investigações sobre a Filosofia Moderna que tivessem, como ponto de partida, os corpos materiais. Pretendia-se, por um lado, desconstruir alguns lugares-comuns da Modernidade e, por outro, expor uma visão pluralista, interdisciplinar e antidogmática, geralmente ausente dos currículos e das linhas de pesquisa em História da Filosofia.

9 Goethe, J.W. *Fausto*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Relógio d'água editores, 1999, p. 62 (versos 670-675).

Seguindo a tônica do colóquio, os textos que ora se apresentam estão distribuídos de maneira a compor pequenos blocos no interior do número. A abertura fica por conta de um ensaio de Eliane Robert Moraes, sobre os modos pelos quais o Marquês de Sade se coloca diante das transformações da sensibilidade no século XVIII, apontando seus excessos e desvios. A seguir, o texto de Luciana Zaterka nos leva a pensar, diante das obras de Francis Bacon e Robert Boyle, mais precisamente de suas concepções de matéria e de seus elementos constituintes, o início da Modernidade. O artigo de Ronei Clécio Mocellin reconstitui a emergência dos fluidos corpóreos enquanto objetos epistemologicamente viáveis diante de suas funções e de sua produção, algo significativo na guinada empreendida pela fisiologia moderna. O ensaio de Pedro Paulo Garrido Pimenta apresenta as formulações da ideia de gozo no século das Luzes, afinada à nova concepção de ciência e natureza humana, demonstrando como sua caracterização se vincula ao distanciamento de qualquer viés metafísico. O texto de Isabel Coelho Fragelli expõe, diante das possibilidades de uma ainda não existente ciência da biologia, a superação da “fábula” cartesiana e as possibilidades de que se construam outras “ficções” (para usarmos a referência Kantiana). Pedro Fernandes Galé disserta sobre a Graça, termo muito caro à arte dos séculos anteriores ao Iluminismo, como faceta material do ideal, apontando sua possibilidade no mundo devir. Cesar Kiraly busca explicar, a partir do conceito de melancolia, a história política de Hume, tomando a ideia de que a melancolia é uma espécie de consciência. O artigo traça as consequências e desdobramentos dessa ideia. O texto de Carlota Salgadinho Ferreira traz a lume uma interpretação da natureza da crença na epistemologia de Hume, rastreando suas definições e suas interpretações na fortuna crítica do filósofo escocês. A autora tenta indicar a via reflexiva para solucionar a questão da vividez da ideia enquanto determinante da crença. Verlaine Freitas parte da ambiguidade afetiva, apresentada pela *Dialética do esclarecimento*, para suscitar a maneira como a ideia de amor-ódio pelo corpo se apresenta diante de uma dialética histórica. O dossiê se encerra com a reprodução da instigante conferência de Danilo Marcondes no colóquio anteriormente referido, mostrando como os contatos dos navegadores e colonizadores europeus com os povos do Novo Mundo foram interpretados por um viés que poderíamos chamar de cético.

Além do dossiê temático, também integram este número cinco artigos da seção *Varia*. Em *Indícios empíricos de indeterminação da tradução em estudos etnográficos brasileiros*, Rogério Severo e Gilson da Silva apresentam casos factuais que corroboram a tese de Willard Quine sobre a indeterminação da

tradução. No segundo artigo da seção, sob título de *É possível ser otimista sobre desacordos profundos?*, Marcos Silva e Alexandre Rodrigues argumentam sobre a possibilidade de resolução racional de desacordos profundos. Já em *A capoeira e a produção de cenas de dissenso: Um panorama bibliográfico*, Douglas Rossa e Kátia Maheirie apresentam um panorama bibliográfico das últimas três décadas (1993-2003) sobre como a capoeira foi capaz de produzir formas de dissenso no tecido social dominante. No penúltimo artigo, *Entre um “pensamento objetivado” e uma “racionalidade sem sujeito”*, Rafael Teixeira e José Francisco Bairrão abordam a análise estrutural dos mitos empreendida por Lévi-Strauss para questionar a vocação empírica da antropologia. E para encerrar o número 57, contamos com *Desenhando no escuro*, uma tradução inédita de Susan Morris feita por Tatiana Lotierzo e Mário Fontanive, onde a artista discute a relação entre o desenho involuntário e a intenção consciente.

Diante do exposto, resta aos organizadores desejar uma boa leitura!